

Marchando Para a Batalha:
Aspectos religiosos da campanha guerreira de Haraldr Hárfagri¹

Pablo Gomes de Miranda²
jomsvikings@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como intenção demonstrar os aspectos religiosos, sociais e econômicos dos homens da Escandinávia medieval imanente às suas disputas e exercícios guerreiros. Utilizamos como referência a *Haralds saga hins hárfagra*, uma obra ambientada na Noruega do séc. IX, a saga do rei Haraldr hárfagri (ou cabelo-belo) mostra uma forte mudança política que só pode acontecer através das campanhas guerreiras desafiando as várias chefias e reinados existentes na região.

Palavras-chave: História da guerra; Haraldr hárfagri; Sagas islandesas

Abstract

The present paper aims to demonstrate religious, social and economic aspects of medieval Scandinavia people inherent to their struggles and warlike activities. I have taken the *Haralds saga hins hárfagra* as reference. A work settled in 9th century Norway, the saga of king Haraldr hárfagri (or fine-hair) shows a strong political change which could only happen through the military campaigns that challenged the leaderships and kingdoms of the region.

Keywords: Warfare history, Haraldr hárfagri; Icelandic sagas

Tradicionalmente estabelecemos a Era Viking entre os séculos VIII e XI (Sawyer 2001: 1), na qual se inserem os eventos que ocorrem na *Haralds saga hins hárfagra*. Os vikings ficaram famosos pelas suas atividades de saques e pilhagens durante a Idade Média. De fato, ainda que a origem do termo *vikingr* seja incerta, sabe-se que no fim do período chamado Era Viking (por ter sido nesse recorte cronológico o ponto em que os escandinavos mais se projetaram sobre o resto do mundo para saqueá-lo), a palavra designava aquele que guerreia no mar. Fora da Escandinávia, entretanto, essa palavra designava “pagão”, “nórdicos”, “estrangeiros” (Roesdahl 2004: 9), implicando na construção de uma identidade própria aos homens nórdicos, atribuída pelas pessoas de fora do seu contexto espacial.

Podemos sintetizar melhor a ação própria que chamamos de partir como um viking: “Pequeno grupo armado que se desloca para regiões distantes da sua comunidade de origem, utilizando basicamente técnicas de pirataria com ação rápida, fulminante e precisa, com propósitos predatórios. Também podem ser expedições punitivas ou com objetivos políticos” (Langer 2009b: 181). Poderia participar dessas expedições, praticamente qualquer pessoa. Essa experiência provia às gerações mais jovens uma educação militar (uma vez que ela não existia formalmente), enquanto para os mais velhos, que ainda não acreditavam ser a hora de aposentar suas armas e ficar em sua casa com sua família, era mais uma oportunidade de provar sua força e seu mérito, além de uma ótima chance de conseguir mais riquezas (Sprague 2007: 66).

Quando Haraldr avança sobre os reis vizinhos para expandir o seu reino, ele utiliza seus exércitos para assegurar a sua nova ordem política. Entretanto, uma vez que os reis escandinavos mantinham alguns poucos guerreiros consigo, como fazer para juntar homens e armamentos necessários para que ele possa avançar sobre as regiões vizinhas? Seria a guerra empreendida pelo rei uma extensão de suas aspirações? A guerra empreendida por Haraldr é a continuação de sua política? Essas perguntas adentram profundamente suas concepções culturais, crenças, costumes e tradições. A prática guerreira para os vikings está intimamente ligada aos seus mitos, valores e comportamentos, ainda que eles estejam bem longe da figura do bárbaro truculento e “incivilizado”, do “bom selvagem” ou da figura romântica dos séculos XIX e XX (Lönnroth 2001). Parafraseando o pensamento de Le Goff³, nem um homem da escuridão, em uma concepção negativa, nem um homem da claridade, que é por sua vez uma concepção positiva e não condizente com a realidade, sendo negativo da mesma maneira.

Avançando sobre os mares:

De maneira alguma devemos afirmar que a guerra não faz parte do meio político. Haraldr não iria simplesmente concluir o desafio de Gýða projetando o seu plano político passivamente, do mesmo modo como Hákon não pediu gentilmente que Eirík abandonasse o trono da Noruega⁴ ou como sempre ocorreu nas disputas de poderes, impossível qualquer tipo de agressão. No entanto a guerra não existe ou envolve apenas os reis e o seu *jarlar*⁵ – a guerra no mundo nórdico envolve todos os homens livres, independentemente de sua hierarquia social.

A Escandinávia possui terras extensas, com florestas e caça em abundância. Em contrapartida o solo é pouco fértil, sobretudo na Noruega onde “a agricultura nunca foi de grande importância no conjunto do país e inclusive na atualidade apenas 3% da terra é aproveitada para o cultivo, principalmente no sul e no leste.” (Graham-Campbell

1997: 16). A economia norueguesa, em especial no medievo, foi basicamente voltada para a pesca – inclusive produto de exportação – além da venda de peles de focas e outros animais da região⁶.

Os motivos que levaram à atividade viking e o avanço sobre a Europa ainda são muito discutidos, mas é certo que essa atividade era bastante utilizada para ganhos materiais e o enriquecimento das pessoas envolvidas na atividade. Mais tarde, esses homens constroem assentamentos em outros territórios que apenas são possíveis depois de vários conflitos com os prévios ocupantes (caso, por exemplo, da Inglaterra, que teve vários territórios tomados na parte norte do país). Só assim a agricultura torna-se viável a eles: “Indo para os mares era, de longe, o caminho mais fácil para avançar na sociedade que oferece aos homens a escolha entre a dura labuta com poucas chances de avanço e emigrar para outras terras, na esperança de descobrir climas quentes e ricos” (Sprague 2007: 34).⁷

O viking sinaliza a oportunidade de o homem comum pegar em armas e, pelo meio da violência, adquirir fama e riquezas. Ainda que os preparativos sejam bastante caros, a jornada é perigosa (barcos, armas e provisões devem ser adquiridas) e a liderança dessas expedições, geralmente, é atribuída a uma chefia que possa patrocinar essa empreitada, no entanto, é uma maneira de entendermos que a violência era comum à população, visto que não há uma distinção entre guerreiros profissionais e agricultores⁸, por exemplo, e que a guerra perpassa a distinção entre as classes sociais. É uma guerra tão antiga quanto o próprio homem, pois:

A guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei. (Keegan 2006: 18)

Todo homem-livre tem o direito de carregar armas. Apenas os mais abastados, no entanto, podem financiar uma cota de malha ou elmo. Ainda assim, quando Haraldr decide iniciar suas empreitadas, ele encontra homens já dispostos de equipamentos necessários para marchar sobre os seus vizinhos ou recuperar suas terras – entre eles alguns que saíram anteriormente em expedições vikings – portadores, portanto, de uma experiência prévia que lhe podia ser útil no campo de batalha. Seria fantasioso, porém, esperar que já existisse um exército de vikings experientes esperando para serem liderados. Na verdade, como ocupação, não era toda a população que se dedicava a essa empreitada. Não havia uma educação militar formal, esperava-se que todos os homens soubessem lutar. Eles viviam desse modo, em ausência de distinção entre os portadores legais e ilegais de armas, ao que chamamos de “guerra sem início ou fim”, tão importante para discernirmos a guerra de maneira cultural⁹.

Podemos entender que o povo escandinavo estava acostumado à violência e sabiam como exercê-la de alguma maneira. Não significa, porém, que vivessem em meio ao caos: na verdade os escandinavos tinham leis e assembléias organizadas, nas quais os casos eram julgados e a realeza ou as chefias locais se envolviam na execução das leis¹⁰ e das decisões tomadas durante a assembléia.

Sob proteção divina:

A guerra é uma expressão de cultura. Encontramos vários elementos guerreiros na mitologia e religião da época¹¹. Esperamos ter deixado claro que a *Haralds saga hins*

hárfagra foi escrita em uma época em que toda a Escandinávia tinha se convertido ao cristianismo, porém Haraldr foi um rei que teve pouco ou nenhum contato com essa manifestação religiosa. Assim, o juramento que ele faz em nome de Deus¹² pode ser assinalado como um anacronismo. Logo, há a necessidade de deuses que estejam alinhados dentro dessa cultura:

A história dos povos germânicos e dos vikings é uma na qual as batalhas locais, disputas, invasões e guerras nacionais são a ordem do dia. A literatura heróica é baseada em uma sociedade inquieta, acostumada à violência e à brevidade da vida. As diferenças entre os homens eram resolvidas geralmente à força, e o herói natural é o chefe guerreiro com seu pequeno bando de fiéis seguidores, prontos para correr perigos, brincar com sorte em ponta de lança e espada, e arriscar perder tudo o que tinham ganhado, caso o combate lhes fosse desfavorável. Terras, casas e esposas freqüentemente tinham de ser disputadas pela espada, e sempre também defendidas assim. O líder estabelecia seu domínio sobre os seguidores, entregando-lhes armas e armaduras para serem usadas em sua defesa e distribuindo riquezas conquistadas em batalha. Obviamente, homens criados em um mundo assim eram propensos a recorrer ao deus ao qual tinham servido, para que os protegesse na hora da batalha lhes concedesse o dom ilusório da vitória, que dependia do espírito de uma força de luta – uma coisa misteriosa, impalpável – ou às vezes de alguma rara chance que fugia do controle dos homens. (Davidson 2004: 59-60).

Entre os deuses de maior destaque dentro do panteão nórdico estão *Óðinn*, o deus dos enforcados e líder dos *Æsires*, *Pórr*, deus dos trovões, matador de gigantes, filho de *Óðinn* e *Freyr*, deus da fertilidade e líder dos *Vanires*¹³.

Óðinn era uma deidade seguida pela nobreza, chefes militares e seus subordinados. Era ao mesmo tempo furioso, violento, cruel e inspirador – não à toa era a ele atribuído o dom da poesia e a fúria em batalha característico dos *Berserkir*¹⁴. Esses soldados especiais, por sua vez, lutavam sob um frenesi guerreiro e faziam parte de uma classe especial livre das leis que governavam os membros comuns da sociedade escandinava (Davidson 2004: 55) ou ainda:

Uma verdadeira elite marcial, muito requisitados para tropas de choque, assalto e até guarda de palácio. Devotos fanáticos de Óðinn, lutavam como possessos e animais enraivecidos, urravam e mordiam os escudos e muitas vezes entravam nas batalhas sem nenhuma proteção, suportando a dor do ferro e do fogo [...] A origem desses guerreiros remonta a épocas mais antigas: os guerreiros germânicos *Wolfhetan* (“pele de lobo”) do século VIII. Muito antes, Tácito já descrevia uma elite de guerreiros fanáticos semelhantes aos berserkers (Langer 2009b: 180).

Em algumas sagas, esses personagens adquirem uma forma animal, como o avô de Egil Skallagrímsson, Kveld-Úlfr (ambos são personagens da *Egils saga Skallagrímssonar*), que lutava na forma de um urso¹⁵. Na *Haralds saga hins hárfagra* encontramos uma guarda contendo alguns *Berserkir* acompanhando o rei Haraldr, que tinham um lugar cativo no seu navio:

Þar skipaði hann á hirð sinni ok berserkjum; stafnbúar váru mest vandaðir, þvíat þeir höfðu merki konungs. Aptr frá stafninum til austrúms var kallat á rausn; þat var skipat berserkjum. Þeir einir náðu hirðvist með Haraldi konungi, er afreksmenn váru bæði at afli ok hreysti ok allz konar atgørvi; (*Haralds saga hins hárfagra*: 9).

[Ali ele colocou sua hirð e os berserkir; os homens da proa foram escolhidos entre os melhores, pois eles carregavam o estandarte do rei. Atrás da proa até o espaço onde retirava-se a água, foi chamado de espaço da proa; ali foram colocado os berserkir. Eles eram os únicos aptos para a hirð do rei Haraldr, homens valentes que foram ambos fortes e valorosos, e possuíam todos os tipos de habilidades.]¹⁶

Outro aspecto relevante à discussão sobre *Óðinn* é o *Valhöll*, o salão dos mortos. Em seus estudos sobre as estelas gotlandesas, o historiador Johnni Langer comparou as imagens das *runestones* de Hammar I com Sanda I e concluiu:

O Valhöll torna-se o destino final dos guerreiros mortos em batalha, e por isso mesmo está representado no topo das *runestones* – o ápice da jornada heróica, o ideal de todo membro da elite escandinava que almejava tornar-se um *einherjar* depois de morto, aguardando o dia do *Ragnarök*. Lembramos que o culto ao deus *Óðinn* era maior nas elites das sociedades escandinavas: guerreiros, nobres e realeza (Langer 2009b: 94).

Dórr era particularmente popular na Noruega, além de ser adorado de modo especial pelos camponeses, agricultores e fazendeiros. Ele é a personificação do poder e da força do elemento ao qual estava relacionado: o trovão - franco, indomável, cheio de energia, um guerreiro imbatível, além de grande beerrão e comilão. Acompanhado geralmente por Loki, várias de suas aventuras são contadas nas *Eddas*, quase sempre mostrando os feitos guerreiros, demonstrações de força, entre outras proezas físicas. Também recebia os mortos, que julgasse valorosos o suficiente para adentrar o seu reino. “O reino de Tor é muito diferente de Odin. Seu culto não era aristocrático. Na verdade, um insulto feito contra ele em um dos poemas *Edda* era que enquanto Odin recebia reis derrotados em batalha, Tor recebia os escravos e servos” (Davidson 2004: 62)¹⁷.

Sacando armas e avançando para a batalha:

Não podemos, no entanto, falar de guerra esquecendo as formações adotadas e os equipamentos utilizados. Como já dito, não havia uma educação militar formal (à exceção das elites), mas viver em uma sociedade com uma cultura que estimula a promoção bélica facilitava o homem comum pegar em armas e estar pronto para lutar. Inclusive, quando o exército estava reunido, entre os próprios soldados havia poucas posições hierárquicas, pois esperava-se que os guerreiros mais velhos e experientes servissem como líderes e conselheiros dos mais jovens. Paradoxalmente, essa ausência de educação militar formal permitiu aos guerreiros escandinavos se utilizarem de aproximações e táticas não-ortodoxas, tanto por mar quanto por terra.

Em terra, o mais provável era um choque de exércitos, com os dois lados se encontrando em muralhas de escudo¹⁸. Ambos os lados tentavam abrir uma falha na muralha inimiga, e quando isso acontecia essa brecha ia se expandindo à medida que os homens que sustentavam esses escudos iam morrendo. Uma formação desse tipo utilizada pelos escandinavos era a *svinfylking* (formação do javali ou “focinho de javali”) na qual a parede de escudos era feita de forma compacta, com o equipamento tendo suas bordas tocadas por outro escudo aliado, uma formação muito efetiva contra lanças e flechas inimigas. O propósito dessa formação era se alinhar de forma triangular: o homem mais forte ia ao meio (ou à frente, se pensarmos tridimensionalmente) e quebrar a parede inimiga em uma poderosa investida, rachando seus escudos com machados ou espadas (Sprague 2007: 182-183).

A parede de escudos era bem dinâmica no quesito de formação. Caso fosse necessário, poderia ser feita uma parede mais longa, com uma única linha, ao invés de termos uma profundidade com várias linhas menores. Se houvesse menos guerreiros, era possível fazer uma parede menos sólida, em “zigue-zague” – entretanto essa seria uma formação perigosa, tendo em vista que a lógica da parede de escudos é justamente não ser quebrada. Havia alguns problemas nessa formação, como manobrar armas e a falta de mobilidade. Uma vez que os guerreiros ficavam muito juntos, o espaço necessário para golpear com o machado ou espada ou mesmo estocar com uma lança era bem limitado.

Pelo menos duas batalhas acontecem em mar na *Haralds saga hins hárfagra* durante a conquista do território norueguês, que são *Sólskel (Haralds saga hins hárfagra: 10)* e *Hafrsfjorðr (Haralds saga hins hárfagra: 18)*.

Nas batalhas marítimas, uma estratégia diferente era usada. Tão logo os navios aproximavam-se em uma distância própria para lutar, normalmente o alcance de um dardo, os vikings amarravam juntas as proas e popas dos navios longos, a bordo, com “amarras” (cordas designadas para esse propósito), para fortalecer sua posição e formar um corpo compacto, ou plataforma, na qual lutariam e passariam de um navio para o próximo (Sprague 2007: 177).¹⁹

O barco escandinavo era mais leve, delgado, rápido e navegava melhor que os pesados cargueiros utilizados pelos ingleses e, provavelmente, francos naquela época. Sinalizamos pelo menos duas razões para isso: uma geográfica e outra histórica. Na Escandinávia, os assentamentos e vilas são localizados em acessos ao mar ou em área costeira. Nenhuma parte da Escandinávia na Era Viking se encontrava longe do mar. Um exemplo do desenvolvimento do barco nessa cultura é o império dinamarquês, estabelecido no fim do séc.VIII, que controlava seus territórios basicamente pela força naval. Historicamente essa região não teve contato direto com o mundo romano e as transformações políticas e religiosas do primeiro milênio d.C. Assim o barco sobreviveu como símbolo religioso e secular por centenas de anos, o que levou a um refinamento em sua construção, em que um barco de excelente qualidade conferia prestígio ao seu dono (Bill 2001: 182 - 183). Existiram vários tipos de barcos: os botes simples (*batr* e *faering*), o *langrskip* (o longo navio de guerra que possuía uma carranca na proa) e o *knorr* (um barco mais bojudo e pesado, sem remos ou ornamentação, usado para fins comerciais). Cerimonialmente o *langrskip* era adornado com vários escudos nas laterais do navio, esses que eram retirados logo que a jornada tivesse real início²⁰.

Os primeiros confrontos se davam com o lançamento de pesados dardos, que algumas vezes possuíam “barbas”, dificultando a retirada desse equipamento quando encravado no oponente (Langer 2009b: 179), e disparos de flechas. Os guerreiros formavam uma parede de escudos e tentavam impedir a abordagem do inimigo ao seu navio ou abordavam o navio inimigo, caso fosse vantajoso. Em algum momento os navios começavam a ser tomados e a água passava a se encher de corpos e armas. Outros conseguiam fugir se não estivessem impedidos de alguma maneira, levantando o escudo sobre sua cabeça a fim de evitar ser perfurado por algum projétil.

A lança era a arma mais comum e estava disponível a todos os soldados, independente de sua classe social, sendo fundamental para todos os conflitos, inclusive por ser uma das armas que iniciava as batalhas sendo lançadas de longe. Ela era leve e balanceada, possibilitando o seu manuseio com uma mão, enquanto se protegia com a outra, tornando possível estocar o inimigo sem precisar desfazer-se de sua proteção, atacando pelas bordas do escudo.

O machado era uma arma mais utilizada em expedições vikings. No geral, menos preferida que a lança ou a espada, mas não raro encontramos alguns machados famosos na literatura escandinava: o rei Magnús, o bom, protagonista da *Uphaf Magnús konungs góða* possuía um machado chamado “Hel”²¹; Skarphedinn, da *Brennu-Njals saga*, tinha outro chamado “Ogra de guerra” (Sprague 2007: 140). Essa arma tinha uma grande vantagem psicológica, pois ela despedaçava com facilidade escudos e abria brechas na parede de escudos inimiga. Outra vantagem do machado é que aquele usado em batalha em nada difere da ferramenta usada para derrubar árvores. Os maiores exemplos dessa arma poderiam chegar a ter um metro ou um metro e meio, tendo a superfície cortante por volta de 50 cm e poderia ser utilizado, também, com as duas mãos (Sprague 2007: 148).

O arco, arma essencial para a luta em embarcações, era feito essencialmente em madeira – e se necessário eram feitos reforços de metal ou chifres. Infelizmente, por ser feito de um material que se decompõe facilmente, poucos são os arcos que restaram dessa época²². As flechas lançadas pelo arco, essas que tinham como comprimento total 70 cm, podia chegar a até 200m de distância e, se atirada de perto, poderia perfurar com facilidade uma cota de malha (Sprague 2007: 154).

As espadas custavam caro e nem todos os guerreiros podiam carregar uma – assim ela era usada mais pela elite guerreira ou vikings mais abastados. Quanto maior a posição social do possuidor dessa arma, maior a ornamentação. Encontramos jóias encravadas, desenhos no cabo, etc. Porém a folha da espada, que era mais importante, poderia medir de 70 a 80 cm, leves, flexíveis e afiadas (Graham-Campbell 1997: 54). Como possuíam o gume em ambos os lados, os guerreiros não precisavam se preocupar em conferir se o lado com o qual golpeava o inimigo era próprio para o corte. Esse fato pode nos parecer sem importância, mas no calor da batalha, na parede de escudos, ou mesmo quando em combate se essa arma caísse das mãos de seu possuidor, para em seguida ser empunhada novamente, o gume duplo poderia lhe ser vantajoso.

Como equipamento de defesa, existia o elmo, a cota de malha e o escudo. O elmo, geralmente cônico ou arredondado, possuía uma proteção nasal (um reforço de couro que era, geralmente, colocada embaixo da parte de metal)²³. A cota de malha era uma proteção composta de vários pequenos anéis de metais unidos – outra aquisição que era mais comum entre a elite guerreira, pois se necessita de muito metal para a fabricação e reposição desses anéis. O escudo geralmente era feito de teixo ou tília, madeiras resistentes e leves o suficiente para que o equipamento fosse manobrado em combate. A madeira era cortada em forma de tábuas, juntas e depois adquiria um formato arredondado. Poderia receber um reforço de metal no centro, que poderia ser usado para golpear o inimigo, além de oferecer proteção extra à mão que segura o escudo. Também havia uma faixa de ferro que protegia as bordas do escudo, conferindo mais durabilidade. Além desses detalhes, o escudo poderia receber uma camada de couro por cima da madeira para lhe dar uma maior resistência contra flechas. Por fim o escudo podia ser pintado com cores vivas ou símbolos. No geral mediam cerca de 1m de diâmetro, protegendo da coxa ao ombro.

Retomando os reinos:

O primeiro momento da *Haralds saga hins hárfagra* se dá com a invasão dos antigos reinos de Hálfðan svarta pelos reis vizinhos. Uma aliança é formada, composta pelo rei Gandálfr, que detinha metade de Vingulmörk, ao sul, os filhos do rei Eystein, Högni e Fróði de Heiðmörk ao nordeste, e Högni Káruson. Essas invasões, pela parte

central da Noruega, já são conflitos antigos: Hálfdan havia investido anteriormente contra essas regiões no intuito de aumentar seu poder.

Enquanto Gandálfr estaciona suas tropas em Lóndir²⁴, seu filho, Háki Gandálfsson avança sobre o Vestfold²⁵, na esperança de surpreender Haraldr e Guthormr, tio e líder do exército do jovem rei. Esses, percebendo a estratégia inimiga, levam os soldados para lutar no Hakadalr. Háki e seus homens morrem na batalha e em seguida Haraldr e Guthormr avançam sobre Gandálfr, que já estava no Vestfold. Após uma batalha bem sucedida, Gandálfr foge com alguns homens de volta para o seu reino. Após isso, os filhos de Eystein marcam um encontro com Högni Karuson e Gurðbrandr, aguardando o ataque dos exércitos inimigos.

Enquanto isso, Haraldr e Guthormr avançam para o norte, com todos os homens que puderam conseguir. Atravessam o Heiðmörk, chegam a Uplönd e recebem a informação do local onde os reis estavam se encontrando, assim, cercam-no a noite e lhe ateam fogo. Os filhos de Eystein conseguem sair da casa em chamas apenas para morrer lutando. Depois de tomar as terras dos respectivos reis, há uma última batalha contra o rei Gandálfr, na qual Haraldr elimina o último rei que ameaçava seus domínios.

Eptir fall þessa iii. höfðingja eignaðisk Haraldr konungr með krapt ok framkvæmð Guthorms, frænda síns, Hringaríki ok Heiðmörk, Guðbrandzdali ok Haðaland, Þótn ok Raumaríki, Vingulmörk, allan inn nørðra hlut [...] at Gandálfr konungr fell í inni síðurstu orrostu, en Haraldr konungr eignaðisk ríki alt suðr til Raumelfar (*Haralds saga hins hárfagra*: 2).

[Depois da queda desses quatro líderes, o rei Haraldr tomou posse, junto à força e proezas de Guthorm, seu parente, Hringaríki e Heiðmörk, Guðbrandsdal e Haðaland, Þótn e Raumaríki, toda o norte de Vingulmörk [...] quando rei Gandálfr caiu na última batalha, o rei Haraldr tomou posse de todo o sul, até Raumelfar.]²⁶

Esse foi o processo de reconquista da parte central da Noruega, o primeiro passo para que Haraldr se tornasse rei de todo o território mais tarde. Pode parecer simples a maneira como a saga narra essas batalhas, durante suas descrições. Algumas são difíceis e outras acontecem em poucas palavras, mas se olharmos melhor para as informações que nos são passadas há alguns pontos a ser considerados: 1 – Haraldr e Guthormr não tinham um exército pronto para o combate. Depois que as invasões aconteceram foi necessário reunir homens para lutar – o que está de acordo com a inexistência de um largo exército profissional, mas vários homens que não se viam desprovidos de algum sentido marcial e que podiam pegar em armas. 2 – Após derrotar Gandálfr e Háki, Haraldr e Guthormr não perderam tempo e decidiram eliminar os outros reis o mais rápido possível. Para isso decidiram marchar até Uplönd, as terras altas. O problema é que para chegar lá tiveram de atravessar Heiðmörk, região dominada pelo inimigo. Caso não seguissem essa rota, dando a volta por Hörðaland, por exemplo, iriam levar muito mais tempo e arriscariam perder a oportunidade de definir logo o fim daquele conflito. Como a saga nos fala, eles escolheram o caminho mais perigoso, porém mais curto.

Esses pontos aqui assinalados mostram como deve ter sido dinâmica essa sucessão de fatos. Terminando as primeiras batalhas era hora de marchar para Uplönd, atacar os reis e depois se preparar para o embate com Gandálfr. A saga suaviza um processo que com certeza não foi simples.

Conquistando a Noruega:

No capítulo cinco da *Haralds saga hins hárfagra* tem início o seu plano de conquistar as outras regiões da Noruega. Ao norte de Uplönd, o exército sobe as Dofrafjall invadindo assentamentos e matando quem não jurasse aliança a Haraldr, até chegar em Orkadal, onde a primeira batalha acontece contra um líder chamado Grýtingr. Após vencer a batalha, ocorrem as resoluções padrão na campanha de Haraldr:

Haraldr konungr fekk sigr, en Grýtingr var handtekinn ok drepit mikit lið ai honum, en hann gekk til handa Haraldi konungi ok svarði honum trúnaðareiða. Eptir þat gekk alt fólk undir Harald konung í Orkdælafylki ok gerðusk hans menn (*Haralds saga hins hárfagra*: 5).

[O rei Haraldr obteve a vitória, e Grýtingr foi aprisionado e morto grande parte dos seus companheiros, mas ele se voltou para o rei Haraldr e lhe jurou lealdade. Depois disso voltou todo o povo do distrito de Orkadal, para o rei Haraldr, e foram feitos seus homens.]²⁷

Depois que o rei Haraldr passa a taxar as terras conquistadas e a distribuir as riquezas entre os *jarlar*, ele acaba fragmentando politicamente outras regiões e, como consequência, tornando mais fácil sua conquista, já que certa parte da elite acredita ser mais atrativo se aliar a Haraldr e se tornar *jarl*. Esse foi o caso do distrito de Þrándheim. A campanha sobe até esse distrito e a conquista começa com a submissão voluntária de Hákon de Yrjar, que traz consigo vários homens e suprimentos. Depois batalhas acontecem sucessivamente em Gaulardal, Strindadal (que é entregue a Hákon) e Stjóradal. Algumas batalhas maiores ocorrem: o exército de Haraldr contra uma aliança entre os exércitos de quatro reis dessa região, que dominavam, respectivamente, Veradal, Skaun, Sparbyggvafylki e Eynafylki. Após essa resistência, Þrándheim fora dominada. Mais ao norte aconteceu o episódio em que Hrollaug entrega Naumdal a Haraldr.

Após o inverno em Þrándheim, começa a conquista voltada para o sul dessa região, especificamente Mœr²⁸, governado por Hunþjófr e seu filho, Sölvi klofi. Uma rápida aliança é formada com o rei de Raumsdal, Nökkvi (tio materno de Sölvi klofi) para defender essa região dos ataques de Haraldr. Lá ambos os reis inimigos morreram, restando a Sölvi fugir para o distrito de Fiorð²⁹. Em certa parte do capítulo 10 sabemos que Haraldr volta com seus exércitos para Þrándheim, no outono e que, no verão, Rögnvaldr, *jarl* de Mœr, presta juramento a Haraldr, recebendo o norte de Mœr e Raumsdal. Como não sabemos qual parte de Mœr ele servia, não podemos saber se o mesmo traiu o rei Hunþjófr (caso ele seja da parte norte) ou simplesmente tenha se retirado para adentrar aos serviços do rei Haraldr (caso ele seja da parte sul, comandada pelo rei Árniviðr e que ainda não tinha sido invadida), semelhante ao que aconteceu a Hákon de Yrjar.

Sölvi klofi permanece junto ao rei Árniviðr e no inverno que se seguiu, promoveu incursões vikings na porção norte de Mœr. Quando os exércitos de Haraldr começam os preparativos para atacar, Sölvi viaja até o distrito de Fjörð para se encontrar com o rei Auðbjarn, pedindo apoio para enfrentar os exércitos inimigos e parar as incursões de Haraldr³⁰. A batalha aconteceu no mar, onde as frotas dos dois reis se bateram contra a frota de Haraldr, perto de uma ilha chamada Sólskel. A saga fala de como os guerreiros alinharam seus barcos e lutaram nas proas de cada barco, inclusive as embarcações dos reis se bateram dessa maneira:

Þat var þá siðvanði, er menn börðusk á skipum, at tengja sklydi skipin ok berjas um stafna. Var þá svá gört; lagði Haraldr konungr skip sitt móti skipi

Arnviðar konungs; varð sú orrosta in snarpasta, ok fell mikit folk af hváarum tveggjum, ok at lykðum varð Haraldr konungr svá óðr ok reiðr, at hann gekk fram á rausn á skipi sínu, ok barðisk þá snarpliga, at allir frambyggvar á skipi Arnviðar hrukku apr til siglu, en sumir fellu, gekk Haraldr konungr þá upp á skipit, leituðu þá men Arnviðar konungs á fkótta, en hann sjálfr fell á skipi sínu; þar fell Auðbjörn konungr, en Sölvi flýði. (*Haralds saga hins hárfagra*: 11).

[Assim, era na tradição, que os homens lutavam nas embarcações, juntando os barcos de frente e batendo-se nas proas. Foi então o que fizeram naquela hora; o rei Harald colocou seu barco contra o barco do rei Arnviðr; a batalha tornou-se mais violenta e morreram muitas pessoas dos dois lados, e assim o rei Harald tornou-se, então, enraivecido e furioso, que ele avançou e na proa do barco, ficou lutando bravamente, que todos os homens do navio de Arnvið, fugiram para o mastro, e alguns morreram. O rei Harald avançou para o navio, procuraram fugir, os homens do rei Arnvið, e ele caiu no seu navio; Ali caiu o rei Auðbjörn, mas Sölvi fugiu.]³¹

Com o rei de Fjörð morto, a tomada do lugar se faz com o assassinato de seu irmão, o rei Vémundr que se encontrava em Naustdal. Enquanto o rei Haraldr volta para Þrándheim, o *jarl* Rögnvaldr, sabendo da localização desse rei, cerca a sua habitação e atea fogo na mesma, matando todos os que ali se encontravam.

De Þrándheim o rei Haraldr se dirige a Vik³², onde descobre que o rei da Suécia, Eiríki, estava taxando os primeiros territórios que ele tinha conquistado, sendo necessário a reconquista da Vingulmörk³³. A saga descreve o encontro dos dois reis em Vermaland, onde estão hospedados por Áki, um antigo colega de Halfdan, pai de Haraldr. Nesse encontro, o rei Eirik mata o anfitrião e, para vingá-lo, Haraldr e seus homens o caçam até Gautland. Logo ele prepara seus navios, assola o Ranríki e toma Vingulmörk de volta (*Haralds saga hins hárfagra*, 15). Os gautlandeses colocam estacas no rio Gautelf, na tentativa de impedir os navios de Haraldr – o que se mostra ineficiente, pois os navios param nas estacas, os homens descem e massacram as vilas de Gautland. Houve uma sucessão de batalhas ao longo do rio e, após isso, Haraldr submete a região ao seu poder, e inevitavelmente conquista Vermaland³⁴, (*Haralds saga hins hárfagra*: 16-17).

A última grande oposição a Haraldr foi uma grande aliança formada entre Eirík, rei de Hörðaland, Sulki, rei de Rogaland junto ao seu irmão e *jarl* Sóti, Kjötvi inn auðgri³⁵, rei de Agðir junto ao seu filho Þórir haklangr e os irmãos Hróaldr hryggr e Haddr inn harði³⁶ Thelamork que combateram Haraldr na batalha marinha de Harfsfjorðr. Quando soube disso, o rei Haraldr juntou seus exércitos e barcos, rumou para Hafrsfjorðr e ancorou lá, esperando pelos seus inimigos, enquanto estes se encontraram ao norte de Jaðar e rumaram para o combate. Segundo a saga:

Þar lá þá fyrir Haraldr konungr með her sinn; teksk þar þegar orrosta mikil, var b[ae]ði hörð ok long, en at lykðum varð þat, at Haraldr konungr hafði sigr, en þar fellu þeir Eiríkr konungr ok Súlki konungr ok Sóti jarl, bróðir Hans. Þórir haklangr hafði lagt skip sitt í móti skipi Haraldz konungs ok var Þórir berserkr mikill; var þar allhörð atsókn, áðr Þórir haklangr fell; var þá hroðit alt skip hans. Þá flýði Kjötvi konungr ok í hólma nökkurn, þar er vigi var mikit; siðna flýði alt lið þeira, sumt á skipum, em sumt hljóp á land upp ok svá it öfra suðr um Jaðar (*Haralds saga hins hárfagra*: 18).

[Tomou início, então, imediatamente uma grande batalha, foi ao mesmo tempo difícil e longa, e eventualmente veio que o rei Harald teve a vitória, e ali aqueles caíram: o rei Eiríkr, o rei Súlki e o jarl Sóti, seu irmão. Þórir haklangr teve baixas em todo seu navio pelo rei Harald, foi Þórir um grande

berserkr. Foi, feito, naquele lugar, um ataque muito duro, antes que Þórir haklangr caísse; fora ali limpos os homens de seu navio. Dalí, fugiu o rei Kjótvi para uma pequena ilha, a qual podia se defender melhor; mais tarde fugiram todos eles, alguns de navio, outros avançaram por terra e de lá, para o sul à Jaðar.³⁷

Recolhendo as armas:

A batalha de Hafrsfjorðr é a forma que a *Haralds saga hins hárfagra* encontra para nos mostrar que Haraldr dominou assim toda a Noruega. O fim de Hafrsfjorðr é o começo do seu reinado como único rei da Noruega, com datação tradicionalmente aceita de 880 (Graham-Campbell 1997: 44). No fim, ele anexa às regiões que consegue após essa batalha às que já havia conquistado antes. Entretanto, surgem dois problemas nessa afirmação: 1 – As campanhas do rei Haraldr culminam nessa batalha, mas a unificação dos outros territórios é fruto de intensos anos de luta aonde as pessoas, sem distinção social, deveriam escolher se aliar ou tornar-se inimigo. Os que se tornaram insatisfeitos pela situação política tiveram de emigrar para as colônias. Por mais longa e sangrenta que tenha sido a batalha de Hafrsfjorðr, a unificação da Noruega foi produto desses anos de dominação. 2 – Haraldr não controla toda a Noruega. Ainda que ele tenha assimilado o sudoeste, centro e sul, suas conquistas ao norte pararam em Naumdalr, deixando de fora toda a Hálogaland. Vários reinos menores que não são citados na saga também levantam nossas suspeitas e não podemos afirmar que passaram a ser controlados ainda na administração do rei Haraldr.

A guerra não é a continuação da política com a entremistura de outros meios. A guerra, para os vikings, é um meio cultural. Seus mitos e costumes mostram uma beligerância que Haraldr hárfagri aproveitou para completar seus planos políticos. Esperamos ter deixado claro, quando afirmamos a intimidade do ser humano com a guerra, essa tal que incide no campo religioso. A violência era recorrente no mundo escandinavo, os homens morrem cobertos de glória, adentrando *Ásgarðr*, sendo escolhido para lutar ao lado dos deuses, encontrando seu destino final na última batalha, o *Ragnarök*.

O culto a *Óðinn* foi um culto das elites guerreiras, muito distante da realidade dos camponeses e fazendeiros, que se voltavam para divindades relacionadas à natureza e ao campo em geral, que mesmo assim não exclui o fato de que as próprias divindades envolvidas não fossem guerreiras: *Þórr*, filho de *Óðinn*, deus dos trovões e popularmente cultuado na Noruega, lutava principalmente com os gigantes, uma força caótica dentro do universo. Não apenas isso, ele detinha, também, controle sobre os ventos, imprescindíveis para a boa navegação, portanto não sendo surpresa quando há o embate entre o deus e o rei Olaf Tryggvason, seja erguido uma cortina de ventania que atrapalhe o rei (Davidson 2004: 71).

Logo os cultos das elites guerreiras e os cultos das populações menos abastadas³⁸ continham elementos guerreiros que lhes possibilitaram permanecer em constante contato com as armas, influenciando vários comportamentos sociais aonde a traição tornava-se um crime que apenas não era maior que a própria covardia:

Um homem que traiu outro e foi capturado, era esperado aceitar sua punição com coragem e sentir tamanha vergonha pelo seu crime, que a morte deveria ser preferida à humilhação ou o castigo físico em público. Mas demonstrar qualquer medo da morte, era, claro, completamente inaceitável. A lei também declarava que se um homem tentasse tomar a vida de outro, tal tentativa poderia lhe custar sua própria vida (Sprague 2007: 43).³⁹

A guerra descrita na saga é também um meio de assegurar e justificar o domínio real – à medida que a *konungasaga* projeta o rei Haraldr como senhor único de toda a Noruega, ela está promovendo sua autoridade, essa que foi obtida através da guerra, um meio legítimo dentro da sociedade escandinava e através do apoio da nobreza que se juntou a ele no processo de conquista dos territórios anexados. Nada disso seria possível não fosse ao mesmo tempo uma cultura com valores que exaltasse o combate e que possibilitou o uso das pessoas comuns para a guerra, nem as vantagens oferecidas à elite guerreira que entrasse ao seu serviço, garantindo homens que pudessem administrar seus territórios, fornecimento de equipamentos e o recrutamento de soldados entre as pessoas comuns.

Agradecimento

Ao prof. Dr. Johnni Langer, por ter revisado e comentado o presente artigo, bem como ter orientado e acompanhado todos os passos do trabalho monográfico que originou esse artigo.

Fontes primárias

- Anônimo. *Ágrip Af Nóregskonungasögum*. Tradução ao inglês por Matthew J. Driscoll. Exeter: Short Run Press Limited, 2008.
- STURLUSON, Snorri. *Haralds saga hins hárfagra*. Tradução ao inglês por Lee M. Hollander. The Saga of Harald Fairhair, In: *Heimskringla, History of The Kings of Norway*. Austin: University of Texas Press, 2007.
- Anônimo. *Haralds saga hins hárfagra*. Transcrição do texto original por Finnur Jónsson. In: *Heimskringla*. København: G.E.C. Gads Forlag, 1911.
- Anônimo. *Völsungasaga*. Séc. XIII. Tradução ao português por Théo de Borba Moosburguer. Saga dos Volsungos. São Paulo: Hedra, 2009.

Bibliografia

- ANDERSSON, Theodore M. Kings' Sagas (Konungasögur). In: CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (org.). *Old Norse-Icelandic Literature: A Critical Guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005, p. 388 -402.
- _____. *The Growth of The Medieval Icelandic Sagas, 1180 – 1280*. Nova York: Cornell University Press, 2006.
- BAGGE, Sverre. Chistianization and State Formation in Early Medieval Norway. In: *Scandinavian Journal of History* 30 (2), 2005, p. 107-134.
- BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do Ano Mil à Colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.
- BILL, Jan. Ships and Seamanship. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press, 2001, p. 182-201.
- BIRRO, Renan Marques; FIORIO Jardel Modenesi. Os *Cynocephalus* e os *Úlfheðnar*: a representação do guerreiro canídeo na *Historia Langobardorum* (séc. VIII) e na *Egils saga* (c.1230). In: *Mirabilia* 8, 2008, p. 47-67 www.revistamirabilia.com
Acesso em 27/09/2009.

- BIRRO, Renan Marques. A Batalha de Hafnrsfjord (c.890) na Egils Saga (c. 1220 – 1230). In: *Aedos: Revista do corpo discente do programa de Pós-Graduação em História da UFRGS* 2 (2), 2009.
<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/viewFile/9852/5697> Acesso em 27/09/2009
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOULHOSA, Patrícia Pires. *Icelanders and The Kings of Norway*. Leiden: Brill, 2005a
_____. Sagas Islandesas Como Fonte da História da Escandinávia Medieval. In: *Signum* 7, 2005b, p. 13-39.
- BYOCK, Jesse L. Saga Form, Oral Prehistory, and the Icelandic Social Context. In: *New Literary History* 16 (1), 1984, p. 153-173.
_____. *Viking Age Iceland*. Londres: Penguin Books, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DAVIDSON, H. R. Ellis. *Deuses e Mitos do Norte da Europa: uma mitologia é o comentário específico de uma era ou civilização sobre os mistérios da existência e da mente humanas*. São Paulo: Madras, 2004.
- DURRENBERGER, E. Paul. *The Dynamics of Medieval Iceland: Political, Economy & Literature*. Iowa: Iowa University Press, 1992.
- GASKINS, Richard. *Visions of Sovereignty in Snorri Sturluson*. In: *Scandinavian Journal of History* 23, 1998, p. 174 -188.
- GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Viquingues: Origens da Cultura Escandinava*, Vol. I e II. Madrid: Del Prado, 1997.
- JAKOBSSON, Ármann. Royal Biography. In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 388-402.
- JAKOBSSON, Sverrir. Defining a Nation: Popular and Public Identity in the Middle Ages. In: *Scandinavian Journal of History* 24, 1999, p. 91-101.
- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KRISTINSSON, Axell. Lords and Literature: The Icelandic Sagas as Political and Social Instruments. In: *Scandinavian Journal of History* 28, 2003, p. 1-17.
- LANGER, Johnni. Religião e Magia Entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica. In: *Brathair* 5 (2), 2005. www.brathair.com Acesso em 27/09/2009.
_____. Guerra ao Modo Viking: Resenha de SPRAGUE, Martina, Norse Warfare: an unconventional battle strategies of the ancient vikings. In: *Brathair* 8 (2), 2006, p. 85-93. www.brathair.com Acesso em 27/09/2009.
_____. História e Sociedade nas Sagas Islandesas: Perspectivas Metodológicas. In: *Alethéia* 2009a (1). <http://www.revistaaletheia.com/20091/Johnny.pdf>. Acesso em 27/09/2009.
_____. *Deuses, Monstros e Heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009b.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.
_____. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora de Unicamp, 2003.
_____. *Em Busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and Legend. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press, 2001, p. 225-249.
- ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Londres: Penguin Books, 1998.

- SAWYER, Peter. The Age of the Vikings, and Before. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press, 2001, p. 1-18.
- SPRAGUE, Martina. *Norse Warfare: unconventional battle strategies of the ancient Vikings*. Nova York: Hippocrene Books, 2007.
- WHALEY, Diana. *Heimskringla: An Introduction*. Londres: University College London, 1991.

NOTAS

¹ O atual trabalho é uma modificação do terceiro capítulo do trabalho monográfico entitulado “Poder e Sociedade na Saga de Haraldr Hárfagri: Disputas e Conflitos na Noruega do Séc. IX”, necessária para obter o título de graduado na licenciatura em História pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, em julho de 2010.

² Graduado em História pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

³ Refiro-me aqui ao livro “Em Busca da Idade Média” feita em colaboração com Jean-Maurice de Montremy.

⁴ Ambos filhos de Haraldr, aparecem na *Haralds saga hins hárfagra*.

⁵ Os *jarlar*, de maneira simplória, faziam parte de uma hierarquia capaz de representar o rei ao mesmo tempo em que lhe fornecia homens ao exército (Graham-Campbell 1997: 40). Entendemos, assim, que eles são homens bem próximos ao rei, inclusive em termos de escala social. Ser *jarl* representava uma grande oportunidade para guerreiros ambiciosos entre os homens livres, pois eles também tinham uma função tributária e parte da coleta de taxas poderia ficar com ele – desse modo ele poderia acumular ao mesmo tempo terras e uma fortuna.

⁶ Alguns aspectos econômicos da Escandinávia medieval, no geral, podem ser encontrados em Graham-Campbell 1997.

⁷ “Taking to the seas was by far the easier way to get ahead in a society which offered men a choice only between hard labor with little chance for advancement and leaving for other countries in the hope of finding riches and warmer climates”

⁸ Na verdade, uma escavação em Birka, na Suécia é que vem sugerindo a presença de um pequeno exército profissional com equipamentos e guarnições (Sprague 2007: 174), mas não é algo predominante do mundo escandinavo desse período.

⁹ Keegan, 2006 utiliza-se da lógica da “guerra sem início ou fim” para fazer críticas ao pensamento de Clausewitz, quando o mesmo afirma ser a guerra a continuação das relações políticas com a entremistura de outros meios.

¹⁰ A única exceção foi a Islândia, uma colônia escandinava aonde a ausência de poder executivo era uma das características das assembléias (*þing*), fruto das razões que levaram a sua fundação. Uma ótima discussão pode ser encontrada em Byock 2001.

¹¹ Para uma melhor discussão sobre os aspectos das religiosidades vikings, bem como uma melhor bibliografia, consultar Langer 2005.

¹² Hon hefir mint mik þeira hluta, segir hann, er mér þykkir nú undarligt, er ek hefí eigi fyrr hugleitt, ok enn mælti hann: þess strengi ek heit, ok því skýt ek til guðs. þess er mik skóp ok öllu ræðr, at aldri skal skera hár mitt né kamba, fyrr en ek hefí eignazk allan Nóreg með sköttum ok skyldum ok forráði, en deyjá at öðrum kosti. Þessi orð þakkaði honum mjök Guthormr hertogi ok lét þat vera konungligt verk at efna orð sín (*Haralds saga hins hárfagra*, 4). [Ela está me lembrando muitas coisas, diz ele, que, para

mim, parece agora estanho, que eu não tenha pensado antes, e novamente ele disse: esse voto eu faço, e isso devo perante Deus. Aquele que me fez e que tudo mantém, nunca devo cortar meus cabelos e nem penteá-los, antes que eu tome posse de toda a Noruega com suas taxas, impostos e a administrá-la-ei, ou morrerei tentando. Por essa fala, o chefe Guthormr agradeceu muito e falou que é tarefa do rei cumprir sua palavra] (Tradução nossa).

¹³ No entanto, na Edda Poética e na Edda em prosa, encontramos vários outros deuses, como Freyja, irmã de Freyr e deusa da fertilidade, Njörðr pai de Freyja e Freyr, divindade ligada ao mar e aos marinheiros, Loki, uma figura ligada ao fogo e aos atos arditos. Vários aspectos da mitologia e religião escandinava podem ser melhores consultados em Langer 2009b e Davidson 2004.

¹⁴ Sg. *Berserkr*; pl. *Berserkir*.

¹⁵ Debate-se muito sobre a existência real desses guerreiros, uma das hipóteses é que esse estado poderia ser alcançado pelo consumo de certos alucinógenos (principalmente o *Amanita muscaria*) e bebidas alcoólicas (Langer 2009b:180).

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Vários amuletos encontrados provenientes da Escandinávia medieval são identificados como o *Mjölnir*, o martelo encantado do deus Þórr, o que mostra a popularidade dessa divindade.

¹⁸ Quando era preciso adotar uma postura mais defensiva, podia-se adotar uma formação compacta conhecida como “testudo”, semelhante à formação “tartaruga” dos legionários romanos, aonde os escudos permanecem junto, oferecendo cobertura contra flechas e lanças (Langer 2009b: 183).

¹⁹“In sea battles, a different strategy was used. As soon as the ships came within fighting distance of one another, normally the range of a spear throw, the Vikings tied the stems and sterns of the long-ships together, broadside, with hawsers (ropes designed for this purpose) to strengthen their position and form a compact body, or platform, on which to fight and move from one ship to the next.”

²⁰ Vários aspectos referentes aos barcos vikings, sua fabricação, evolução, desenvolvimento, etc. podem ser melhores conferidos em Bill 2001 e Langer 2009b.

²¹ Filha de Loki, deusa dos mortos e do reino inferior.

²² O arco encontrado em Hedeby, no sul da Jutlândia, mede 92 cm de comprimento e é feito de teixo, uma madeira bastante flexível e muito usada na fabricação de arcos durante o medievo (Graham-Campbell 1997: 55).

²³ Não foram encontrado elmos com chifres, esses que são “uma invenção fantasiosa de artistas do século XIX, popularizada pela ópera, pelo cinema e pelos quadrinhos” (Langer 2009b: 180).

²⁴ Infelizmente não foi possível apontar essa região no mapa, mas provavelmente deve ficar ao oeste de Vermaland (Hollander 2007: 59).

²⁵ Região ao sul de Vingulmörk.

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Tradução nossa.

²⁸ Foi um pouco complicado localizar essa região, mas ela se localiza atualmente entre os distritos de Sunnmøre e Nordmøre.

²⁹ A batalha é pouco descrita, mas vem acompanhada de um poema escáldico em sua homenagem, na qual descreve o combate como um violento choque entre os dois exércitos.

³⁰ “Mas Solvi klofi, filho de Húnþjófr, havia escapado e foi a Sunnmærr ao encontro do rei Arnviðr e pediu ajuda para si, dizendo: “Embora esse problema tenha nos atingido agora, não vai demorar muito até que o mesmo problema alcance vocês, porque acredito que o rei Haraldur virá rapidamente para cá, depois que escravizar e oprimir, à vontade, toda as pessoas em Norðmærr e Raumsdalr. Então, vocês terão em mãos a mesma opção que tivemos: defender suas propriedades e liberdade, arriscando a vida de todos os homens cujo auxílio vocês podem esperar. Quero oferecer minha ajuda e a de meus homens contra essa opressão e tirania. Mas talvez vocês queiram seguir outro curso, assim como fizeram os homens de Naumudalr: sujeitar-se, de vontade própria, ao cativo e tornar-se escravos de Haraldr. Meu pai considerou uma vitória morrer em posse de seu reino, com sua honra, ao invés de se tornar subalterno de outro rei em sua velhice. Imagino que vocês pensem dessa forma, assim como todo aquele que seja superior e queira ter espírito de luta (*Egils saga Skallagrimssonar*, 3; tradução feita por Boulhosa 2005b).

³¹ Tradução nossa.

³² Atualmente Vik é uma comunidade administrada junto ao condado de Sogn og Fjordane. Na saga, no entanto ela está localizada junto à atual Oslofjord.

³³ Essa região compreende a região aonde se localiza Oslo, atual capital da Noruega.

³⁴ Síðna lagði Haraldr konungr land alt undir sik fyrir norðna elfina ok fyrir vestan Væni ok Vermaland alt (*Haralds saga hins hárfagra*, 17).

³⁵ “O Opulento”.

³⁶ “O Duro”.

³⁷ Tradução nossa.

³⁸ Estamos falando aqui de maneira simplória, não havia uma divisão formal, nem cultos específicos direcionados as diferentes camadas sociais, apenas interesses contemplados em um culto que não estava presente em outro. Além do culto as divindades, eram presentes os rituais mágicos, cultos a espíritos da natureza, etc.

³⁹ “A man who had betrayed another and was apprehended was expected to accept his punishment with courage and to feel such shame for his crime that death would be preferable to public flogging or humiliation. But to show any fear of death was, of course, completely unacceptable. The law also stated that if a man even attempted to take the life of another, that attempt should cost him his life.”